

LIVROS CICLO DE CONVERSAS PROIBIDOS

19 FEV
2014



As Vinhas da Ira, de John Steinbeck

GUIÃO DE LEITURA

Divisão de Bibliotecas, Documentação e Informação
Auditório da Biblioteca Municipal de Oeiras

Em Fevereiro inicia-se o projeto Livros Proibidos. Trata-se de um Ciclo de Conversas com nove sessões, numa primeira edição, a realizar de Fevereiro a Dezembro deste ano e que irá contar com a participação de três das figuras mais conhecidas do jornalismo e da televisão portuguesa no papel de moderadores. Falamos de Ricardo Costa, Nicolau Santos e Maria Flor Pedroso.

O objetivo é refletir sobre um dos temas mais transversais da história do livro e da leitura: a censura. Um tema que espelha apenas um problema comum e milenar: a natureza do Homem e as suas paixões. Assim, e todos os meses teremos uma obra em análise que constitua um exemplo paradigmático de proibição na história do pensamento pela mão de um conjunto privilegiado de prestigiados convidados e com a mediação e mestria de um dos nossos moderadores.

Começaremos com a Literatura no século XX e com uma das obras mais emblemáticas neste universo. *As Vinhas da Ira*, de John Steinbeck, editado em 1939, um épico sobre o sofrimento humano, situado temporalmente nos anos 30 e relatando as inúmeras consequências da Grande Depressão de 1929. Trata-se de uma das obras mais lidas e discutidas de um dos mais célebres escritores norte-americanos. A celeuma que este livro provocou nos estados Unidos foi imensa e deu origem, inclusive, a investigações do FBI. Foi banido de dezenas de Bibliotecas e queimado na praça pública por populações indignadas. Contudo, todos estes factos não impediram que lhe concedessem o mais importante prémio que existe neste país: o Prémio Pulitzer em 1940. Ganhou, ainda, elogios públicos da primeira-dama Eleanor Roosevelt e ficou imortalizado no cinema pela mão do inimitável John Ford. Steinbeck foi também galardoado com o Prémio nobel em 1962.

Boas e insuperáveis razões para incluir esta obra intemporal na lista dos **Livros Proibidos**, com o olhar de Francisco Louça e com a moderação de Ricardo Costa

NOTA BIOGRÁFICA SOBRE O CONFERENCISTA

Francisco Louçã nasceu na freguesia de São Sebastião da Pedreira, concelho de Lisboa, a 12 de Novembro de 1956. É dos nossos ilustres deputados e Professor Catedrático de Economia no ISEG-UTL. Estudou no Liceu Padre António Vieira, e o seu percurso nesta instituição seria assinalado com o Prémio Sagres, distinção atribuída aos melhores alunos do país. Prosseguiu os estudos licenciando-se com brilhantismo em Economia, no Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG), da Universidade Técnica de Lisboa. Aliás, por ter sido o melhor aluno do seu curso foi galardoado com o Prémio Banco de Portugal.

Em 1999, foi um dos fundadores do Bloco de Esquerda. Pertence ao conselho editorial de publicações científicas em Portugal, Inglaterra e Brasil e é consultor de algumas das principais revistas económicas mundiais como a *American Economic Review*, *Cambridge Journal of Economics*, *Metro Economica* e *Journal of Evolutionary Economics*.

A sua carreira académica já o levou a apresentar conferências em vários pontos do mundo, incluindo Estados Unidos da América, Dinamarca, Holanda, Espanha, Polónia, França, Brasil, Venezuela, e muitos outros países. Foi também professor visitante na Universidade Holandesa de Utrecht.

É autor de inúmeros artigos e publicações, dos quais destacamos *Os Donos de Portugal*, 2009, *Afrontamento, Portugal Agrilhado – A Economia Cruel na Era do FMI* (2011, Bertrand), *Histories on Econometrics*, com outros autores (2011, Duke University Press). Mais recentemente publicou, juntamente com Mariana Mortágua, *A Dívida Dura, Portugal na Crise do Euro* (2012, Bertrand Editora).

Obras disponíveis na Rede das Bibliotecas Municipais de Oeiras

LOUÇÃ, Francisco; MORTÁGUA, Mariana - *A dívidadura: Portugal na crise do Euro*. rev. SILVA, Ana Rita. Lisboa: Bertrand, 2012. 237 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: PEN-POL POL LOU

LOUÇÃ, Francisco - *Portugal Agrilhado: a Economia cruel na Era do FMI*. rev. ANDRADE, Susana. Lisboa: Bertrand, 2011. 199 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: E&F ECO-NAC LOU

LOUÇÃ, Francisco; CALDAS, José Castro - *Economia(s)*. Lisboa: Porto: Afrontamento, 2010. 399 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: E&F ECO LOU

LOUÇÃ, Francisco - *Turbulência na Economia: uma abordagem evolucionista dos ciclos e da complexidade em processos históricos*. Porto: Afrontamento, cop. 1997. 397 p.

Local: Biblioteca Municipal de Carnaxide e Oeiras

Cota: E&F ECO-NAC LOU

LOUÇÃ, Francisco - *A Maldição de Midas: a cultura do capitalismo tardio*. Lisboa: Cotovia, imp. 1994. 204 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: PEN-POL POL LOU

LOUÇÃ, Francisco; COSTA, Jorge - *A globalização armada: as aventuras de George W. Bush na Babilónia*. Lisboa: Cotovia, imp. 1994. 244 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: PEN-POL POL LOU

LOUÇÃ, Francisco; COTRIM, João Paulo; PEREIRA, João Martins (coord.) - *À esquerda do possível: textos de combate*. Lisboa: Colibri, 1993. 243 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: PEN-POL POL LOU

LOUÇÃ, Francisco - *Herança Tricolor*. [S.l.] : André Jorge, D.L. 1989. 215 p.

Local: Biblioteca Municipal de Carnaxide e Oeiras

Cota: PEN-POL POL LOU

Colaborações:

RODRIGUEZ, Gemma - *Mal Vistos*. pref. LOUÇÃ, Francisco. Vila nova de Famalicão: Quasi, 2006. 92 p.

Local: Biblioteca Municipal de Algés

Cota: TEA TEA-EST ROD

MURTEIRA, Mário - *Globalização: pela invenção dum tempo global e solidário*. pref. LOUÇÃ, Francisco Lisboa: Quimera, 2003. 175 p.

Local: Biblioteca Municipal de Carnaxide e Oeiras

Cota: E&F ECO-GLO MUR

NOTA BIOGRÁFICA SOBRE O MODERADOR

Ricardo Costa nasceu em Lisboa em 1968. Filho do grande escritor e poeta Orlando da Costa. É um jornalista e comentador que dispensa apresentações. Frequentou a licenciatura em Ciências da Comunicação da Universidade Nova de Lisboa. Atual Diretor do Semanário Expresso desde 2011. Anteriormente foi diretor da televisão SIC Notícias, estação onde continua a apresentar, juntamente com Nicolau Santos, *Expresso da Meia-Noite*, um dos programas mais prestigiados e com mais audiência daquela estação televisiva.

Recentemente, em 2013, publicou *Portugal – Manual de Instruções*, pela Livros d' Hoje. Este Manual de Instruções indica três dúzias de ideias, defeitos, hábitos e manias políticas que ajudaram a bloquear um país inteiro. Não é um manual para encontrar culpados nem para fazer contas, mas serve para perceber como alguns acasos e outras tantas teimosias nos levaram a um beco sem saída, do qual só podemos sair com um conjunto de alterações muito sérias, nos discursos e nas práticas de eleitores e eleitos. Os 36 textos que compõem o livro são quase todos originais. É ainda autor e prefaciador de outras obras.

Exerce ainda atividade como comentador, sendo convidado como orador em inúmeros programas e iniciativas.

Obras disponíveis na Rede das Bibliotecas Municipais de Oeiras

COSTA, Ricardo; CARREIRA, Medina - *O dever da verdade*. pref. LEITE, Manuela Ferreira. Lisboa: Dom Quixote, 2007. 135 p.

Local: Biblioteca Municipal de Carnaxide

Cota: PEN-POL POL CAR

Colaborações:

CAMACHO, Paulo - *Debaixo de fogo*. pref. COSTA, Ricardo. Alfragide: Oficina do Livro, 2012. 269 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: PEN-POL POL-INT CAM

NOTA BIOGRÁFICA SOBRE O AUTOR

John Steinbeck (1902-1968)

**“Não quero ser um génio... Já tenho problemas suficientes ao tentar ser um homem”
Albert Camus**

John Steinbeck nasceu em 1902, em Salinas. De origem irlandesa e alemã, tinha um pai funcionário das finanças e uma mãe professora. Cresceu numa atmosfera tipicamente americana de pequena burguesia provinciana, laboriosa e otimista. Depois dos estudos secundários, frequentou a Universidade de Stanford, muito perto da sua casa. Para pagar os seus estudos teve de trabalhar, o que mais tarde, se revelaria útil e lhe forneceria não só matéria-prima para os seus livros, como experiência de vida em ofícios fisicamente exigentes e mal pagos: operário agrícola, empregado de laboratório numa refinaria de açúcar, pedreiro, entre outros.

Posteriormente passaria alguns meses em Nova Iorque como repórter. Contudo, o ambiente na grande cidade acabaria por se revelar adverso pelo que regressou ao “grande vale”, na Califórnia, onde encontrou um emprego como guarda de uma casa isolada nas montanhas perto do lago Tahoe. Ali durante os tempos livres do Inverno, começou a escrever *The Cup of Gold*. Quando este romance foi aceite por um editor de Nova Iorque e publicado em 1929, Steinbeck decidiu dedicar-se à literatura. Seguiu-se *The Pastures of Heaven* (1932) e depois *To a God Unknown* (1933). *Tortilla Flat* aparece em 1935, uma colectânea de contos que retrata a vida dos habitantes do porto de pesca perto de Salinas. O livro seguinte, *In Dubious Battle* (1936) muda de tom, de matéria e de estrutura. A ação passa-se nos pomares da Califórnia, na estação da colheita das maçãs. Os atores principais são operários agrícolas explorados pelos grandes proprietários da terra. Este texto é a expressão típica dos anos 30, desse período de crise económica e de conflitos sociais. Podemos dizer que é um dos raros romances “proletários” entre as numerosas produções do género dessa época. Com esta publicação recebe a medalha de ouro da *Commonwealth Club de S. Francisco*, bem como ataques de todos os setores. *In Dubious Battle* é um dos livros da literatura norte-americana em que melhor se aliam a paixão política, o drama humano, a qualidade literária, formando um todo harmonioso, de tal modo profundo no mergulhar das suas raízes até ao fundo secreto do homem, até às razões que o fazem agir e escolher. Drama de amizade, de fraternidade viril,

entrelaçado nas malhas da luta partidária, nele nos é dado a angústia do homem que a vida atira simultaneamente para a solidão interior e para a necessária comparticipação social.

Steinbeck reuniu alguns dos seus melhores contos, nomeadamente *Red Poney*, numa colectânea, *The Long Valley* (1938). Esta colectânea é talvez a melhor introdução à obra de Steinbeck. Nela se encontra toda a sua diversidade e todas as suas qualidades.

Em 1942 publica um pequeno livro sobre a resistência na Noruega *The Moon is Down*, seguido, em 1944 por *Cannery Row*, que repete a fórmula de *Tortilla Flat* noutra cenário. *The Wayward Bus* (1947) emprega o processo bem conhecido que consiste em reunir, desta vez numa camioneta, um grupo de pessoas de que o autor nos conta a história.

East of End (1952) relata, sob a forma de um grande “fresco histórico”, a vida de várias gerações de duas famílias californianas, os Trasks e os Hamilton, de 1860 a 1920.

Contudo, para o grande público, o melhor livro de Steinbeck continua a ser *The Grapes of Wrath* (1939) e o maior romance social da época de crise, espécie de *A Cabana do Pai Tomás*, dos nos 30, que teve um retumbante sucesso na Europa e nos EUA. De um modo geral, todos os biógrafos de Steinbeck são consensuais ao afirmar que a atividade jornalística do autor, principalmente uma série de artigos sobre a situação dos trabalhadores imigrantes para o *San Francisco Chronicle* forneceu abundante material (fonte documental) para a sua obra literária, em particular, *As Vinhas da Ira*.

Joseph Henry Jackson afirmaria que Steinbeck deixou de ser o mesmo homem, desde que tomou conhecimento das condições de vida e dos problemas dos trabalhadores californianos. Na obra *As Vinhas da Ira* encontramos a diáspora de uma família – os Joads – que expulsos do Estado de Oklahoma, aquando da industrialização agrícola daquela região, se dirigem à Califórnia, percorrendo a mítica estrada 66, iludidos por uma propaganda enganadora que afirmava a centenas de milhares de americanos ser este estado um paraíso, onde os trabalhadores gozavam de uma situação privilegiada. Ao cabo de uma viagem feita em condições deploráveis, deparam com a hostilidade da população, a quem a vinda de imigrantes vinha agravar as condições de vida e com a ganância dos proprietários que pagavam salários de fome. A obra em questão representa um dos melhores resultados a que

chegou o neorrealismo americano.¹ *As Vinhas da Ira*, com a multidão das suas personagens, de que os Joads formam uma entre muitas famílias, é uma das mais ambiciosas obras da literatura contemporânea, não só no sentido do romance de massas, como em virtude do número de problemas individuais e sociais que levanta.

Com a chegada da Segunda Guerra Mundial, Steinbeck foi designado correspondente do *New York Herald Tribune*. As suas narrativas fugiam do padrão jornalístico tradicional norte-americano e caracterizavam-se por um estilo forte e alegórico.

Contudo, Steinbeck não é um autor consensual, apesar de fazer parte da lista de galardoados com o Prémio Nobel. Alguns acusam-no de ser apenas um representante, entre outros, dos romances de tese sociológica ou do chamado romance social. Um leitor e exegeta da realidade que cede à pressão dos acontecimentos abandonando a doutrina da arte pela arte e da experimentação estética, sacrificando-a à da responsabilidade coletiva e à “musa social”. Apelidam-no de escritor regionalista, cujo discurso literário é apenas um registo documental sobre os rebanhos do Sul, um discurso mais perto da sociologia marxista, mascarada de romance. A chamada literatura de circunstância.

Na realidade, as doutrinas políticas de esquerda tiveram uma influência acentuada nos escritores desta época. Steinbeck é aquele que melhor ilustra esta transição da época esteta dos anos 20 para a literatura social dos anos 30.

A celeuma criada com a obra *As vinhas da Ira*, as reações que provocou falam por si mesmo da importância de que esta obra se reveste. E foi de tal forma o incómodo que provocou que se

¹ Não se poderá talvez afirmar que tenha existido um movimento neorrealista americano nos moldes do europeu. O neorrealismo foi uma corrente estética, artística e literária de meados do século XX muito marcada por ideologias políticas de esquerda que procurou descrever e representar a realidade total das classes trabalhadoras, ou seja, um movimento geral com um forte pendor social. Formado no pensamento marxista e defendendo as concepções do materialismo dialético, o neorrealismo colhe no romance norte-americano de Steinbeck, Caldwell ou Hemingway os modelos para uma literatura de denúncia social e de intenção pedagógica, marcada pelo desejo de atingir uma transformação histórica, um destinatário coletivo que incluiria a classe trabalhadora. De todo o modo, Steinbeck poderá ser considerado um dos representantes mais expressivos deste movimento.

tornou imediatamente objeto de proibição. Pelo questionamento de valores e de um *modus vivendi* enraizado no modo de vida americano.

Apelidar Steinbeck de escritor regionalista da literatura americana contemporânea é porventura redutor. Não é sempre o escritor produto da sua cosmovisão, do mundo e das circunstâncias que percorre? É certo que há poucos anos apenas, o nome de John Steinbeck aparecia sempre que o leitor europeu falava do romance americano. Ao longo dos últimos anos, no entender de alguns comentadores, parece que a importância que lhe foi atribuída em comparação com escritores como Faulkner ou Hemingway é um pouco exagerada. Consideram que o grande êxito de alguns dos seus livros é devido ao prestígio do Prémio Nobel da Literatura, que recebeu em 1962 e que lhe conferiu uma certa reputação. Afirmam, ainda, que a generalidade da sua obra literária resiste mal a uma análise mais aprofundada.²

Ainda assim, se a formação de Steinbeck e o seu temperamento o conduzem naturalmente para o citado regionalismo, o seu talento exprime-se, indubitavelmente, na forma como sabe escutar e ver o sentido das “coisas vistas”, isto é, da reportagem, característica que está admiravelmente desenvolvida nele, como está em quase todos os escritores americanos que fizeram a aprendizagem no jornalismo. Possui no mais alto grau essa qualidade de ser um *camera man* que reproduz fielmente a realidade das coisas. Estas considerações adquirem uma valoração ainda maior se comparadas com o escritor europeu, cujo sentido do concreto é muitas vezes enfraquecido por considerações intelectuais, movendo-se com facilidade e habilidade no mundo das ideias.³

² BROWN, John. *Panorama da Literatura Americana do Século XX*. trad. Franco de Sousa. Paris: Éditions Gallimard, 1954.

³ A literatura norte-americana comparada às escolas literárias da Europa, principalmente à Inglesa, Francesa, Alemã e Italiana, é muito mais recente e só teve a sua identidade criada a partir do século XIX, quando foi citada, pela primeira vez, com o termo “literatura americana”, muito mais num sentido depreciativo, uma vez que se procura diferenciar a produção literária americana da inglesa. Foi justamente esta depreciação que fez surgir o desafio dessa nova literatura, escapando aos padrões europeus e construindo a sua identidade, deixando de ser vista como uma mera extensão da literatura inglesa. Coube ao poeta Walt Whitman (1819-1892) dar os primeiros passos nessa literatura em florescimento e a Edgar Allan Poe (1809-1849) abrir caminhos para o moderno romance americano. No entanto, a quebra nos padrões europeus só veio um pouco mais tarde com Henry James (1843-1916), que marca as principais diferenças entre o Novo e o Antigo Mundo, com Mark Twain (1835-1910) que foi o primeiro a ter como personagem principal de uma narrativa um verdadeiro americano. Mas

Ainda assim, no mundo contemporâneo onde a cultura norte-americana se encontra praticamente omnipresente nas formas de expressão ocidentais é cada vez mais importante compreender de que forma os Estados Unidos da América se desenvolveram (histórica, social e artisticamente) de colónia inglesa à maior potência mundial. Tal desenvolvimento pode ser visto especialmente através da sua literatura. É na literatura norte-americana que podemos encontrar a quase totalidade do processo histórico-cultural deste país, ou seja, como a identidade norte-americana foi sendo construída.

Obras Publicadas

The Cup of Gold – 1929

The Pastures of Heaven – 1932

To a God Unknown - 1933

Tortilla Flat - 1935

In Dubious Battle – 1936

Of Mice and Man - 1937

The Red Pony - 1938

The Long Valley – 1938

Working Days: The Journal of the Grapes of Wrath – 1938-1941

The Grapes of Wrath - 1939

Forgotten Village - 1941

The Moon is Down - 1942

Bombs Away - 1942

Cannery Row - 1944

The Pearl - 1945

existem outros nomes como Herman Melville, Nathaniel Hawthorne e Emily Dickson. A Literatura Americana teve o seu primeiro grande momento com a hegemonia económica do país, já na primeira metade do século XX. A euforia económica do país, chamada a **Era do Jazz**, tem em F. Scott Fitzgerald (1896-1940) seu principal representante. Com a Grande Depressão veio o período que representou o auge da Literatura Norte-Americana sendo John Steinbeck seu principal expoente. Steinbeck expõe as mazelas e fragilidades da sociedade e do “sonho americano”. Matéria sempre polémica, ontem como hoje, para aqueles que são considerados a nação mais poderosa do mundo!

The Wayward Bus - 1947

A Russian Journal – 1948. Crónicas de Viagens pela União Soviética durante os primeiros anos da Guerra Fria e da conhecida Cortina de Ferro. Esta viagem foi efetuada na companhia do fotógrafo e amigo Robert Capa. Trata-se de um excelente registo literário e fotográfico da vida na União Soviética sob as regras de Estaline.

Log from the sea of Cortez – 1951. Descrição da expedição marítima na companhia do biólogo marinho Ed Ricketts. É considerada uma das mais importantes obras não-ficcionais.

East of Eden - 1952

Sweet Thursday - 1954

The Short Reign of Pippin IV - 1957

Once there was a War – 1958.

Winter of our Discontent - 1961

Travels with Charley: in search of America - 1962.

America and the Americans – 1966. Coletânea de textos e artigos escritos durante a sua atividade jornalística. O seu último livro publicado.

Journal of a Novel - 1969

Viva Zapata (argumento para filme) – 1952

The Acts of King Arthur and his Noble Knights - 1976

BREVE LEITURA HISTÓRICA DA OBRA JOHN STEINBECK E A GRANDE DEPRESSÃO

*E sobre a relva, à beira da estrada, avançava um cágado, virando-se de lado sem qualquer razão aparente, arrastando a concha abaulada na erva. As suas pernas duras e as patas de unhas amarelas moviam-se lentamente sobre a relva, não para propriamente caminharem, mas para arrastarem a concha.*⁴

Um dos aspetos capitais da obra de Steinbeck centra-se no facto das suas narrativas fornecerem uma importante leitura histórica de uma das épocas mais marcantes da vida económica, social e cultural norte-americana dos anos 30. Um espelho realista das consequências da chamada Grande Depressão, de 1929.⁵ O desenvolvimento do chamado capitalismo desregrado com a proliferação das grandes indústrias, dos grandes bancos e das grandes propriedades alterou padrões de comportamento e deu origem a uma euforia e especulação desenfreada que haveria de ditar o seu fim e cujas consequências para a população da década de 30 foram dramáticas. A complexidade e variedade dos efeitos causados pelos diversos tentáculos do grande capital e da modernização ampla que a acompanhou desafiou muitos leitores da realidade (como os escritores), sujeitos que viveram sob a sombra da sua existência, a refletir e produzir textos sobre o assunto. O *boom*

⁴ STEINBECK, John - *As Vinhas da Ira*. Lisboa: Edição Livros do Brasil [s.d.]. p. 19

⁵ Todo o excesso, sofisticação, festas e frivolidades da década de 20, no século passado, teriam um dia que chegar ao fim. Ainda assim, a conclusão da *Era do Jazz* não poderia ter sido mais chocante do que com a crise de 1929. Um dos momentos definitivos do Século XX, até hoje a mais devastadora crise económica da era moderna, a chamada *Grande Depressão* de 24 de Outubro de 1929, foi causado pelo *crash* da Bolsa de Valores de Nova Iorque, iniciando um processo de penúria em grande parte da sociedade e reestruturação da mentalidade norte-americana. Esse período teve efeitos devastadores na organização socioeconómica dos Estados Unidos. Várias razões são apontadas para as ações causassem o *crash* na Bolsa: exagerada especulação financeira, disparidade entre a capacidade produtiva do país e a capacidade de consumo da população, distribuição igual da renda e a pouca variedade industrial norte-americana (dependente basicamente da indústria automobilística e da construção civil). Em 1932 a situação atingiu o seu pior nível. Milhares de bancos faliram. Dezenas de milhares de pessoas perderam tudo e algumas suicidaram-se. Uma quantidade impressionante de empresas e negócios fecharam as portas e o nível de desenvolvimento caiu mais de 90% se comparado ao período antes da crise. Nas cidades concentravam-se mais de 15 milhões de norte-americanos desempregados. Não existiam apoios sociais. O resultado foi catastrófico. Vulgarizou-se, na altura, a expressão *fila do pão*, onde milhões de pessoas passavam horas para obter algum alimento. Se nos centros urbanos a situação era difícil, no campo a população vivia em condições ainda mais difíceis. Com a queda do poder aquisitivo, os fazendeiros não tinham para quem vender os seus produtos. E mesmo que vendessem era apenas pelo menor preço possível. Uma enorme massa saía do interior partia para as cidades em busca de oportunidade ou tentava a sorte trabalhando em plantações onde os salários eram baixíssimos.

económico que se espalhou pelos EUA após a 1ª Grande Guerra ajudou a fortalecer o poderio das grandes indústrias, dando origem a um ritmo de crescimento e uma tal organização cuja sustentabilidade foi temporária, circunscrita à década dos anos 20. O final deste período significou o fim de uma época dourada e o início de um *abismo económico*, cujas repercussões se estenderam por longos anos.

Da diferença entre olhares e experiências, bem como a multiplicidade dos efeitos que acompanharam a hegemonia do grande capital, nasceram várias narrativas, vários discursos. A literatura é, naturalmente, um filão importante desta rede discursiva.

É, justamente, neste contexto mais geral que Steinbeck escreve a sua obra, em particular, *As Vinhas da Ira*, que retrata a dura realidade dos pequenos proprietários do Sul e as consequências de uma crise devastadora. Steinbeck é um escritor profundamente comprometido com a interpretação dos problemas daquela realidade, sendo o seu discurso literário uma arma de denúncia e uma voz incómoda que expõe através da escrita as perversidades do sistema capitalista e da ordem social centrada na industrialização, sendo esta a razão primordial para a celeuma causada pela publicação desta obra. Um livro proibido pela chama de ideias incómodas que desconstruíam perigosamente paradigmas e modos de vida, na altura, absolutamente inquestionáveis.

Steinbeck nasceu no início do século XX e viveu boa parte da sua vida no campo, na pequena propriedade dos pais em Salinas, na Califórnia. Pertencia a esse grupo de pequenos proprietários rurais. Os valores e a sua cosmovisão literária estão enraizados na sua própria experiência de vida. Foram estes pequenos proprietários, esta classe média rural, que é herdeira daqueles que povoaram o Oeste, o colonizaram e o tornaram seu, a despeito de todas as intempéries que encontraram pelo caminho, desde uma natureza selvagem até às populações indígenas que aí habitavam. Uma terra tomada a pulso. A vida de Steinbeck – e por consequência a sua literatura – estavam estreitamente ligada a uma determinada experiência histórica que ecoava muito intensamente não só na vida e no pensamento do nosso escritor, mas também nas tradições, costumes e visão do mundo das antigas classes médias rurais: a experiência da prosperidade que haviam alcançado no século XIX, quando a conjuntura económica, ainda tão demarcada pela presença esmagadora do grande capital, comportava a existência do modo de vida ancorado na pequena propriedade.

A reverberação desse passado é poderosa na literatura de Steinbeck e ajudou a moldar boa parte das suas obras. Em relação à primeira metade da década de 30, por exemplo, vemos a celebração nostálgica desse passado, nas descrições e imagens desenvolvidas por Steinbeck nos seus livros. Já quando falamos da segunda metade dos anos 30, o passado continua a aparecer, embora sob novos termos: o contraste entre os tempos áureos em que os pequenos proprietários eram autónomos e “donos de si mesmos” e os novos tempos, aqueles que falam da sua decadência e da derrocada das bases que sustentavam o seu modo de vida. Ecos do advento e consolidação de um novo modo de vida alicerçado no grande capital e nas transformações económicas não só do processo produtivo propriamente dito, mas de toda uma forma de existência.

Ao analisar as primeiras obras de Steinbeck dos anos 30, percebemos que uma das suas tónicas mais poderosas é aquela que realiza a celebração do passado, muitas vezes ficcionando-o e retratando-o como uma espécie de paraíso perdido. É o caso *The Red Pony*, de 1932 e de *To a God Unknown*, romance publicado em 1933 que narra a saga de Joseph Wayne, um pequeno proprietário que se desloca para o Oeste da América no início do século XX e lá edifica uma pequena propriedade. A diáspora do protagonista assemelha-se, em muitos sentidos, à jornada do grande contingente de pessoas que foram para o Oeste no século XIX e retrata estes pequenos proprietários enquanto grupo social, em tudo similares aos próprios antepassados de Steinbeck, que empreenderam uma viagem muito parecida com aquela narrada no livro. Esta chegada à “terra prometida”, a edificação de pequenas propriedades, equivale à fundação de um mundo, uma espécie de repetição do ato cosmogónico primordial, uma “habitação sagrada”.

Steinbeck construiu a narrativa da obra de modo a retratar a dimensão sagrada que a terra possuía para o pequeno proprietário e também como essa dimensão fazia parte do universo cultural no qual viviam esses sujeitos, justamente o modo de vida que Steinbeck buscava celebrar através da sua literatura.

No caso de *As Vinhas da Ira* o sujeito narrativo do livro continua a ser este viajante, este colonizador de novos mundos, o homem fundador de uma nova *Imago Mundi*. Contudo, e fruto das novas alterações de um universo em constante devir que faz do *homem lobo do homem*, ditou um novo êxodo. A Grande Depressão de 1929, a industrialização agrícola da América e as adversidades da natureza levaram a grandes mobilizações de pequenos

proprietários e das populações que aí residiam que deixaram de ter direito à terra e a cultivá-la, deixando Oklahoma rumo à Califórnia, em busca do paraíso perdido.⁶ É o caso da família Joad, protagonista do livro, da sua viagem épica, do seu sofrimento e desilusão e da sua esperança. Uma miséria produzida pelos interesses de um capitalismo inóspito e desumanizado.

A situação histórica que forçava os pequenos proprietários a deixar Oklahoma – aliada, ainda, aos *dust bowls*,⁷ alterava igualmente as bases que sustentavam uma determinada visão do mundo.

Ao longo da jornada dos Joad, Steinbeck analisa a situação histórica das antigas classes média rurais, retratando e denunciando sua decadência e os mecanismos que a tornaram possível. Essa denúncia toma corpo em personagens como Jim Casy, um homem da igreja que reelabora as suas concepções de religiosidade (numa tentativa de se adaptar ao novo mundo) e se torna um ativista político que procurava despertar a consciência destas multidões e levá-las a refletir e questionar a sua situação, seja através de greves e movimentos de revolta, seja através de esclarecimentos e atos de solidariedade. A dedicação de Casy aos despossuídos – aquela gente que ele via deixar as suas terras devido às intempéries da sua condição – leva-o a questionar a sua própria religiosidade:

“Talvez que o Espírito Santo seja apenas o espírito humano. Talvez todos os homens tenham em conjunto uma única alma grande de que toda a gente faz parte”.⁸

⁶ Esta industrialização implicou várias mudanças, nomeadamente, uma reconversão da estrutura agrária e consequente expropriação de pequenos proprietários do vasto território entre as 2 faixas oceânicas dos EUA. O resultado foi o fornecimento gigantesco de mão-de-obra a custos reduzidos sem a qual nenhum sector industrial poderia desenvolver-se. Assistiu-se à concentração dos grandes latifúndios e ao desenvolvimento da monocultura e da produção em massa para um mercado urbano em expansão. Estas grandes propriedades agrícolas requeriam uma elevada força de trabalho. A expropriação de terras foi conduzida pelos grandes bancos e pelas companhias agrícolas e comerciais como a Companhia Shawnee. O despojamento das condições de produção – a terra, mas também os instrumentos de trabalho agrícola – é condição basilar para o desenvolvimento do modo de produção capitalista. Por isso mesmo, a migração massiva de mão-de-obra para a Costa do Pacífico representa um fornecimento de uma força de trabalho, sobretudo, para as grandes propriedades agrícolas dessa região.

⁷ *Dust Bowl*, em tradução literal, significa “tigela de poeira” e foi o termo utilizado para se referir às tempestades de areia que varreram o Oeste dos EUA nos anos 30. A planura dos campos, o clima seco ou de raízes a proteger as terras criaram as condições para que os fortes ventos carregassem grandes porções de solo, tornando muito difícil, senão impossível – o cultivo dos campos.

A literatura de Steinbeck, através da sua leitura histórica e do seu peculiar uso dos recursos ficcionais, mostra-nos entre outras coisas, esse lado sombrio da crise, da grande depressão: a sua constituição como acontecimento humano tanto objetivo como subjetivo. Perceber como transformações estruturais estendem as suas ramificações sobre as mais diversas áreas e como a vida prática quotidiana se encontra visceralmente ligada a essas transformações é uma das razões pelas quais a literatura de Steinbeck é tão profícua. Os personagens e temas analisados neste texto, mais do que assuntos isolados constituem-se como argumentos humanizados, como suportes que fornecem um mapa de compreensão de determinados eventos históricos que não operam somente as chamadas mudanças estruturais mas contribuem para um novo tecido social e humano e que se expressam nos aspetos mais banais da realidade.

É por isso que nenhum autor retratou melhor a natureza da **Grande Depressão** do que John Steinbeck. Os seus romances são de certa forma uma análise dos problemas de grande parte da população norte-americana. Até hoje, os principais trabalhos de Steinbeck são vistos como obras de protesto contra a exploração capitalista e a favor dos marginalizados e destituídos.

⁸ STEINBECK, John - As Vinhas da Ira. Lisboa: Edições Livros do Brasil [s.d.]. p. 27

AS VINHAS DA IRA SÍMBOLO E CENSURA

É indiscutível a atualidade e perenidade desta obra simbólica de Steinbeck. O retrato efetuado pelo enredo narrativo construído, cujo protagonista é a família Joad, denuncia e descreve uma realidade que é, em muitos aspetos, o espelho da crise económica, social, ética e cultural que atravessamos. Nunca como agora a supremacia do discurso económico e dos mercados foi tão forte. Vivemos, por isso, e uma vez mais, tempos de angústia e incerteza. De encruzilhadas. Sentimos a urgência de encontrar novos caminhos, novos modelos de sustentabilidade, um outro *modus vivendi*.

Steinbeck como leitor de um mundo em constante mudança apenas denuncia o carácter camaleónico da vida e como a lei do mais forte prevalece sobre o mais fraco. A Grande Depressão de 1929 apenas sublinha e corrobora a tese da importância da economia e do discurso financeiro no mundo. Máximas como *não condicionem o mercado*, afiguram-se como o argumento ideal para fundamentar uma nova classe de capitalistas, ávidos e pouco escrupulosos, alheios a noções de igualdade ou justiça económica. A ideia de que existem leis, a chamada *mão invisível* de Adam Smith explanada na obra **A Riqueza das Nações**, que espontaneamente regulam o funcionamento do mercado de forma a harmonizar os interesses privados e o interesse geral, parece distante e utópica. Contudo, é indesmentível o peso e o legado de Adam Smith na cultura económica mundial. E nunca a sua obra foi tão atual. Ao longo das últimas décadas (e mesmo na aurora do século XXI) o grande duelo ideológico entre dois grandes pensadores mundiais mantem-se: Adam Smith versus Karl Marx (com as diversas leituras e reelaborações efetuadas até hoje). Todavia, a história encarregar-se-ia de, nos últimos anos do século passado, provar de forma irrefutável a supremacia das teorias económicas expostas na **Wealth of Nations**. Atesta-o o domínio do mercado sobre a estrutura económica do Ocidente e a rendição da Europa de Leste.

Na realidade, o que prevalece na organização de qualquer comunidade e aquilo que garante a sua subsistência é o interesse económico, sendo que esse interesse é ditado pelas leis de mercado, geradoras de riqueza e de desenvolvimento. A crise financeira que Portugal e restantes países periféricos Europeus atravessam demonstra de forma inequívoca onde isso nos levou. Uma crise gerada pela ganância e pelo sistema financeiro bancário mundial. E nem

os supostos atores políticos saem ilesos neste retrato, não cumprindo a tarefa e a função para que foram eleitos e não representando os eleitores.

Já Marx na obra **A Miséria da Filosofia** alertava para o facto de, no estágio de evolução do capitalismo, a realidade humana sofrer um processo de dilaceração profundo e intolerável, sem par na história. Segundo Marx, tudo se torna alienável, objeto de troca e de tráfico. A predominância do fator económico torna a essência social inumana, uma vez que a necessidade do dinheiro se tornou a única verdadeira necessidade, engendrando toda a espécie de desejos artificiais. A essência humana está aplicada a uma *coisa*, a um *fetichismo*: o dinheiro. O fim da alienação humana será, na verdade, um encontro do homem consigo mesmo, a criação do homem humano.⁹

“O cheiro da podridão enche o país. Queimam café como combustível de navios. Queimam o milho para aquecer; o milho dá um lume excelente. Atiram batatas aos rios, colocando guardas ao longo das margens, para evitar que o povo faminto intente pesca-las. Abatem porcos, enterram-nos e deixam a putrescência penetrar na terra. Há nisto tudo um crime, um crime que ultrapassa o entendimento humano. Há nisto uma tristeza, uma tristeza que o pranto não consegue simbolizar. Há um malogro que opõe barreiras a todos os êxitos; à terra fértil, às filas retas de árvores, aos troncos vigorosos e às frutas maduras. Crianças atingidas de pelagra têm de morrer porque a laranja não pode deixar de proporcionar lucros. Os médicos legistas devem declarar nas certidões de óbito: “morte por inanição”, porque a comida deve apodrecer. Deve, por força, apodrecer”.¹⁰

É justamente esta denúncia do grande capital e da destruição do humano que Steinbeck realiza na obra *As Vinhas da Ira*. E é justamente esta a razão primordial que está na base de todas as proibições e censuras efetuadas à sua obra. Um dos pressupostos mais marcantes da filosofia de Marx é o de reconhecer a primazia da realidade concreta relativamente às produções concetuais. Daí a afirmação de que “os filósofos, ou pensadores, não nascem da terra como cogumelos, são filhos do seu tempo”.

⁹ Marx insistirá no facto do todo social estar alienado: o capitalista, enquanto indivíduo, é um homem privado de tudo, salvo do dinheiro. Evidentemente que o não capitalista sofre mais profundamente as privações, uma vez que os seus próprios meios de substância são de um outro. O trabalhador é obrigado a vender a sua força de trabalho, tornando-se, também, uma mercadoria, uma coisa entre coisas.

¹⁰ STEINBECK, John - *As Vinhas da Ira*. Lisboa: Edições Livros do Brasil [s.d.]. p. 366

Steinbeck é, de certa forma, filho desta ideia e expõe-na sem rodeios na sua literatura, a despeito de todas as considerações que se possam tecer sobre ele. A ideia sobejamente repetida de que não está ao nível de um Hemingway ou Faulkner não apaga a importância da sua obra e da função importante que representou. Na verdade, os acontecimentos atuais fazem-nos visitar os seus textos e refletir. A missão de denunciar os interesses instalados e a luta por um mundo mais justo, mais fraterno e mais igualitário não é só apanágio do escritor, do jornalista, ou de outra figura a que a sociedade dá visibilidade e voz ativa, mas é, sobretudo, uma obrigação do cidadão comum e anónimo: a de fazer uso dessa condição básica das democracias modernas que é o exercício da cidadania e da participação. Promover o debate, fazer nascer a luz!

Steinbeck foi incómodo por isso mesmo, por despertar consciências e foi perseguido por aqueles que sentiam o seu modo de vida ameaçado, por políticos, intelectuais e por todos aqueles que o viam como uma ameaça. Ainda mais quando falámos de um território que representa, a todo o título, o nascimento do capitalismo, consubstanciado nessa máxima secular do sonho americano!

Muitos são os exemplos que poderemos citar. Numa tentativa de banir *As Vinhas da Ira* das Bibliotecas do país (essas instituições que devem ser os guardiões da memória), um deputado de Oklahoma procurou encontrar aliados no congresso utilizando o argumento de que Steinbeck tinha uma mente distorcida e o livro era uma mentira, uma criação infernal. A obra foi mesmo banida de dezenas de Bibliotecas, inclusive em Salinas (Estado da Califórnia), onde nasceu o autor. Também chegou a ser queimado pelas populações indignadas de cidades citadas na história como Búfalo (Estado de Nova Iorque) e Kern County (Estado da Califórnia). Até hoje, este romance continua na lista dos livros mais proibidos em Bibliotecas Americanas.

Contudo, estes factos não foram impeditivos para que esta obra fosse galardoada com o Prémio Pulitzer em 1940, tendo sido adaptado para cinema pelo inimitável John Ford. Logo um mês depois da publicação de *As Vinhas da Ira* (1939), o produtor Darryl F. Zanuck comprou os direitos de adaptação da obra para o cinema, contrariando a convicção original do autor que pensava que nunca nenhum estúdio iria querer filmar a história da família Joad. Mas a 20th Century Fox avançou para o projeto e escolheu John Ford para o dirigir. Ninguém pensava que a Hollywood dos anos 40 iria conseguir produzir um filme realista sobre a Grande Depressão,

mas John Ford conseguiu captar a essência da obra de Steinbeck e mostrar, de uma forma quase documental, o impacto socioeconómico da grave crise que a América viveu na década de 30 através da Odisseia da família Joad em busca de uma vida melhor, desde Oklahoma até à Califórnia. O filme foi um sucesso, tanto de crítica como de público e nesse ano daria a John Ford o seu segundo Óscar como melhor realizador.

Não foi só Steinbeck que viveu algumas das suas obras adaptadas à grande tela. Na verdade, a literatura norte-americana do século XX, além dos seus próprios meios, modos e formas de expressão, teve e tem no cinema um dos seus veículos mais frequentes e polémicos. Muitos dos escritores maiores da literatura norte-americana como Faulkner, Hemingway ou Auster (mais recente) trabalharam como argumentistas ou guionistas. Faulkner tornou-se mesmo um argumentista profissional.

Todos estes factos falam, apenas, das inúmeras leituras e releituras que esta obra alimentou o que atesta da sua força enquanto produto cultural que influenciou gerações. Para além da famosa adaptação ao cinema já referida, houve ainda outras adaptações para ópera, teatro e música. Refirmo-nos, por exemplo, ao conhecido álbum de Bruce Springsteen ***The Ghost of Tom Joad***, de 1995, que dá continuidade a essa releituras, situando a força simbólica e a significação de Tom Joad no contexto da sociedade americana das décadas de 90 e do mundo globalizado. Ao dar voz ao fantasma que pretende recriar, Springsteen dá vazão ao seu próprio discurso e visão quanto à luta de classes e à resistência social, ao mesmo tempo em que reafirma a significação cultural de Tom Joad concebido por John Steinbeck e como profeta das classes desfavorecidas. Nesse processo, reafirmando a significação da personagem no contexto sociocultural do álbum, Springsteen efetivamente associa a voz de Tom Joad à voz dos “novos” oprimidos do final do século XX, deslocando o símbolo do imigrante local do *Dust Bowl* e suas circunstâncias históricas e situando-o na realidade globalizada.

Na visão oferecida por Springsteen, o mito sociocultural americano da mobilidade desilude-se no mundo pós-moderno globalizado, configurado numa viagem para lugar nenhum. O personagem a partir do qual a canção tira a sua força inspiradora, Tom Joad foi concebido como uma articulação cultural dos indivíduos oprimidos dos anos da Grande Depressão e do Dust Bowl e é essa mesma atmosfera social que assombra os indivíduos oprimidos sessenta anos depois.

The Ghost of Tom Joad reivindica a sua relevância e reafirma a de *As Vinhas da Ira* como produto cultural à medida que demonstra, reconstruindo simbolicamente a sua realidade contextual, a necessidade da (re) aprendizagem da consciência de resistência moral e social tal como foi concebida por John Steinbeck.

O texto mais famoso de Steinbeck é hoje considerado um clássico da literatura americana. Com vários milhões de exemplares vendidos, foi traduzido em inúmeras línguas e continua a ser um livro muito procurado.

Em Portugal esta obra também causou polémica. Logo um mês depois da publicação de *As Vinhas da Ira* (1939) esteve proibido durante muito tempo. A primeira exibição da adaptação da obra em filme, pelo já citado John Ford em solo português foi ainda antes do 25 de Abril de 1974, numa sessão privada na embaixada norte-americana, a 10 de Janeiro de 1973. Só a 4 de Outubro de 1979, quase 40 anos depois de ser estreado, é que o filme teve direito, em Portugal, a uma exibição aberta ao público.

Outras obras deste autor foram adaptadas para o cinema como *East of Eden*, de Elia Kazan, 1955. Aliás, o que consta é que Elia Kazan teria comprado os direitos de adaptação do romance para cinema assim que ele foi lançado. No mês do lançamento deste romance, Elia Kazan e John Steinbeck haviam assinado juntos *Viva Zapata*. Aliás, a produção cinematográfica de Elia Kazan foi intensa no período entre 1945 e 1951. Tal como Steinbeck a sua intensa atividade cultural ficaria conotada e confundida com a suposta simpatia pelo comunismo. No início de 1952 seria mesmo intimidado a depor perante a Comissão de Atividades Antiamericanas do congresso. Era a época da caça às bruxas empreendida pelo senador Joseph McCarthy, republicano de Wiscosin. Num célebre documentário intitulado “Uma Carta para Elia”, de 2010, Martin Scorsese recorda esse célebre episódio e relato-o.

Na verdade, o gesto da censura e os seus diversos atores e protagonistas é uma marca humana que jamais desaparecerá das sociedades. Ao longo da história foi assumindo várias formas e expressões e fala-nos dessa característica incontornável da natureza humana própria das relações entre os homens, ou seja, das relações de poder. Hoje em dia, na sociedade aberta e global, a vigilância é cada vez maior, um olhar virtual e constante, materializado nas redes sociais e meios de comunicação e espalhado por todas as áreas (desde a profissional, familiar,

social e económica), consubstanciando a metáfora Orwelliana do célebre livro *1984*: o Big Brother.

Ainda assim, e atualmente, muitas são as iniciativas que a América realiza, promovendo a liberdade e a diversidade dos livros e dos autores. A mais conhecida é levada a cabo pela American Library Association (ou Associação das Bibliotecas Americanas) que comemora anualmente a chamada “Banned Books Week”, numa clara celebração da liberdade e da democratização da leitura.

John Steinbeck continua a ser recordado, debatido, lido e relido numa nação que o considera um símbolo. Referia-se a este propósito The National Steinbeck Center (www.steinbeck.org), que oferece aos seus visitantes experiências pedagógicas e estéticas distintas que inclui áreas como literatura, história, agricultura e arte, bem como eventos diversos e serviço educativo.

Em 2014 o NSC celebra o seu 75º aniversário da publicação da obra *As Vinhas da Ira*, com atividades diversas entre as quais citamos:

- **Steinbeck Festival em Salinas e Monterey**, de 2 a 4 de Maio, com conversas, visitas temáticas, filmes, artes performativas e visuais. Este Festival mobiliza muitos públicos, entre os quais estudiosos da obra de Steinbeck, de todas as partes do mundo. Uma celebração do legado deste escritor.

- O Projeto **Grapes of Wrath 75**

<http://www.grapesofwrath75.com/GOW75/GOW75Project.html>

Este projeto pretende recriar o percurso efetuado pela família Joad na original estrada 66. Uma das características da zona sul dos Estados Unidos são as estradas planas e áridas, quase infinitas, abertas aos grandes espaços. A narrativa literária de Steinbeck situa grande parte da ação numa destas estradas icónicas. O projeto inclui um CD, um DVD com recolha de comentários e entrevistas e outro tipo de performances. O projeto contará também com um Sítio Web interativo para leitores para explorar a sua visão e interpretação do romance.

Seguramente uma homenagem que celebra o legado e alimenta a memória de um dos escritores mais emblemáticos da nação mais poderosa do mundo: irreverente, polémico, utópico, errante e luminoso.

CONCLUSÃO

Todo o mundo é composto de mudança, assim escreveu Camões num século marcado pelas descobertas e os encontros, as viagens e as tormentas, a descentração e o desconcerto da passagem de um *mundo fechado para um universo infinito*. Desse fervilhar de acontecimentos, dessa Renascença que redescobre a cultura clássica e a reinventa e transforma à luz do caudal imenso de novos conhecimentos, nascem sonhos de progresso, engenhos de muitos voos, utopias que lançarão aos ventos da história as sementes de um século iluminado sobre as ideias da igualdade, fraternidade e liberdade. Ideais de uma sociedade mais justa que atravessaram, com muitos atropelos e tropeços, os últimos dois séculos mas que marcariam, de forma indelével, as aspirações mais legítimas da humanidade, materializadas em lutas e conquistas importantes, como os direitos dos trabalhadores, a emancipação das mulheres, o direito à educação e à saúde, a defesa da igualdade de oportunidades. O homem não teria de ser *o lobo do homem*, nem tão pouco um predador da natureza, como se esta fosse uma fonte inesgotável de recursos. Outros caminhos se perfilaram como possíveis e continuarão a sê-lo se não nos conformarmos com a ideia estagnante de um pretense “fim da história”. Se *todo o mundo é composto de mudança*, importa hoje resistir à inércia e aos retrocessos e inventar para o mundo *novas qualidades*. E é na revisitação da história e perspetivando o futuro que devemos procurar devolver-nos a dimensão do sonho e da utopia, reconhecendo-nos como atores de transformação do mundo. Porque não há igualdade, fraternidade e liberdade num mundo onde tantos têm de permanecer na *caverna* para que só alguns possam ver a luz do sol.¹¹

Steinbeck é, a justo título, um dos autores deste **Ciclo de Livros Proibidos**. Ele representa a ousadia, o questionamento e a inquietude daqueles que mudam o mundo pela força das palavras e das ideias. Celebrar e democratizar a liberdade da leitura, abrir horizontes, semear a reflexão e a contenda, ultrapassar barreiras e obstáculos é contribuir para um mundo mais justo e igualitário, é esbater diferenças e opacidades. É acreditar que é sempre possível, apesar de tudo.

¹¹ SANTOS, Ana Isabel. JARDIM, Ana Paula - *10 Luzes num Século Ilustrado*. Lisboa: Caminho, 2013. p. 542.

Na verdade, saber é poder e ainda hoje a não partilha de informação continua a ser uma estratégia infalível, apesar de mais difícil dado a **World Wide Web** e a **Aldeia Global** em que vivemos. Os livros, as ideias são proibidos porque advém sempre da mente esclarecida. Por isso há que manter o vulgo na ignorância. Só assim se pode manipular as massas. Daqui decorrem muitas questões relacionadas com a educação e o seu acesso universal e igualitário, bem como a cidadania ativa. Só uma mente esclarecida é uma mente livre, pronta para fazer uso do exercício dos seus direitos e das suas faculdades. Num tempo onde prolifera o medo e as estratégias de intimidação como forma de silenciar as populações e as tornar acéfalas, o tema **Livros Proibidos** tão atual como universal, espelha apenas um problema comum e milenar: a natureza do Homem e das suas paixões.

Por isso, é proibido proibir, como diz a letra da canção. Em nome do saber e da humanidade...

ALGUMAS PISTAS DE DISCUSSÃO E EXPLORAÇÃO DA OBRA

1. Qual o significado da *metáfora da tartaruga* logo no início do livro (p. 19-20) e a conceção do devir histórico como movimento de luta de classes de Marx e Engels?
2. Qual a importância da personagem de Jim Casy na obra e que significado tem a seguinte afirmação “Talvez que o Espírito Santo seja apenas o espírito humano. Talvez todos os homens tenham em conjunto uma única alma grande de que toda a gente faz parte”;
3. Que tipo de religiosidade caracteriza o sul dos EUA e de que forma é apresentada na obra? Que personagens a simbolizam?
4. De que forma é apresentada a *physis*, a natureza neste livro: como força destrutiva do trabalho do homem ou como dádiva sagrada?
5. Qual a diferença da conceção de natureza apresentada nesta obra e em textos anteriores como *The Red Pony* (1932) e *To a God Unknown* (1933)?
6. De que forma é que a obra *As Vinhas da Ira* pode ser considerada um produto cultural e que leituras e apropriações alimentou ao longo dos anos?
7. Qual o sentido da afirmação no texto de Steinbeck “Crianças atingidas de pelagra têm de morrer porque a laranja não pode deixar de proporcionar lucros. Os médicos legistas devem declarar nas certidões de óbito: “morte por inanição”, porque a comida deve apodrecer. Deve, por força, apodrecer” (p. 366) e a caracterização do capitalismo como antagonismo vivenciado entre as duas classes chaves do sistema: a burguesia e o proletariado?
8. O que significa a expressão “Dust Bowl” na obra e qual o impacto deste fenómeno na ruína dos pequenos proprietários do Sul?
9. Qual o nome da mítica estrada que a família Joad percorre no caminho para a Califórnia e qual a sua importância na história?
10. Qual a relação da Grande Depressão de 1929 e a industrialização do sul Norte-americano? De que forma está apresentada na obra e que instituições a representam?
11. O livro inicia-se com a saída de Tom Joad da prisão que regressa a casa e reencontra a família já preparada para abandonar a terra, anunciado uma nova diáspora. Qual o significado deste início e qual a sua relação com aquela região?
12. Depois desta longa jornada impiedosa, qual o final da família Joad? Consegue manter-se unida e intacta? Consegue alcançar o sonho de uma vida melhor? Ou será que o livro nada diz sobre o assunto, deixando-o inacabado e em aberto?

BIBLIOGRAFIA

Obras disponíveis na Rede das Bibliotecas Municipais de Oeiras

1. De John Steinbeck

STEINBECK, John - *A América e os Americanos*. trad. MOREIRA, Paulo. Carnaxide: Livros do Brasil, 2010. 475 p.

Local: Biblioteca Municipal de Algés

Cota: HIS-PAI E.U.A STE

STEINBECK, John - *As Vinhas da Ira*. trad. MOTTA, Virginia. Porto: Público Comunicação Social, cop. 2002. 542 p.

Local: Biblioteca Municipal de Carnaxide e Oeiras

Cota: ROM ROM-EST STE

STEINBECK, John - *O Inverno do nosso Descontentamento*. trad. VIEGAS, João Belchior. Lisboa: Livros do Brasil, 2001; 301 p.

Local: Biblioteca Municipal de Algés e Oeiras

Cota: ROM ROM-EST STE; DEP 22257

STEINBECK, John - *A Pérola*. trad. TAVARES, Clarisse. Lisboa: Bibliotex, imp 2000; 95 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: C&N COM-NOV-EST STE

STEINBECK, John - *A Pérola*. trad. TAVARES, Clarisse. Lisboa: Livros do Brasil, 1996; 152 p.

Local: Biblioteca Municipal de Algés

Cota: C&N COM-NOV-EST STE

STEINBECK, John - *A um Deus desconhecido*. Círculo de Leitores, 1995. 264 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: ROM ROM-EST STE

STEINBECK, John - *Noite sem Lua*. trad. FIGUEIREDO, Pedro M; LEAL, Luiza Maria de Eça. Lisboa: Ulisseia, 1978. 333 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: ROM ROM-EST STE

STEINBECK, John - *A Pérola*. trad. DIONÍSIO, Mário. Mem Martins: Europa-América, imp. 1977. 120 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: C&N COM-NOV-EST STE

STEINBECK, John - *The Pearl*. London: Penguin Books, 1975. 181 p.

Local: Biblioteca Municipal de Carnaxide e Oeiras

Cota: LIT-LIN-EST ING STE; DEP 21465

STEINBECK, John - *Boémios Errantes*. trad. CARNEIRO, Edison. Rio de Janeiro: Opera Mundi, 1973. 231 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: DEP 16039

STEINBECK, John - *A um Deus desconhecido*. trad. CARMO, Manuel do. Lisboa: Mem Martins: Europa América, imp. 1971. 225 p.

Local: Biblioteca Municipal de Carnaxide e Oeiras

Cota: ROM ROM-EST STE; DEP 4384; 4469

STEINBECK, John - *Viagens com o Charley*. trad. VITORINO, Sousa. Lisboa: Livros do Brasil, [197?]. 271 p.

Local: Biblioteca Municipal de Algés e Oeiras

Cota: DEP 4377; ROM ROM-EST STE

STEINBECK, John - *Correspondente de guerra*. trad. MOTTA, Virgínia. Lisboa: Livros do Brasil, [197?]. 259 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras; Biblioteca Operária Oeirense

Cota: ROM ROM-EST STE; DEP 4828; BOO 4700

STEINBECK, John - *Chama Devoradora*. trad. MOTTA, Virgínia. Lisboa: Livros do Brasil, [197?]. 178 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: DEP 4378

STEINBECK, John - *As Vinhas da Ira*. Lisboa: Livros do Brasil, [197 ?]. 477 p.

Local: Biblioteca Municipal de Algés e Oeiras

Cota: ROM ROM-EST STE; DEP 14597; 442

STEINBECK, John - *Tortilla Flat*. Harmondsworth: Penguin Books, rep. 1967. 222 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: DEP 18402

STEINBECK, John - *Batalha Incerta*. trad. RODRIGUES, Fernanda Pinto. Lisboa: Livros do Brasil, cop. 1963. 346 p.

Local: Biblioteca Municipal de Algés e Oeiras

Cota: ROM ROM-EST STE

STEINBECK, John - *Um dia diferente*. trad. VIEGAS, João Belchior. Lisboa: Bertrand, [196?]. 373 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: ROM ROM-EST STE; DEP 11558

STEINBECK, John - *Ratos e Homens*. trad. VERÍSSIMO, Erico; BETTENCOURT Rebelo de. Lisboa: Livros do Brasil, [196?]. 277 p.

Local: Biblioteca Municipal de Algés, Carnaxide e Oeiras

Cota: ROM ROM-EST STE; DEP 10656

STEINBECK, John - *O breve reinado de Pepino IV*. trad. GONZÁLEZ, José Carlos. Lisboa: Livros do Brasil, [196?]. 230 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras; Biblioteca Operária Oeirense

Cota: DEP 4567; BOO 5417

STEINBECK, John - *O Milagre de São Francisco*. trad. ÁLVARO, Gervásio. Lisboa: Livros do Brasil, [196?]. 247 p.

Local: Biblioteca Municipal de Algés e Oeiras

Cota: ROM ROM-EST STE; DEP 4396

STEINBECK, John - *A Leste do Paraíso*. trad. VIEGAS, João B. Lisboa: Livros do Brasil, [196?].

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: ROM ROM-EST STE; DEP 12262; 12263

STEINBECK, John - *A Taça de Ouro*. trad. CUNHA, Carlos; MARGARIDO, Alfredo. Lisboa: Livros do Brasil, [196?]. 277 P.

Local: Biblioteca Municipal de Algés

Cota: ROM ROM-EST STE

JOHN STEINBECK - sel. trad. e pref. COCHOFEL, João José; FEIJÓ, Rui. Coimbra: Atlântida, 1958. 197 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: DEP 4406

STEINBECK, Jonh - *Ratos e homens: peça em três atos e seis quadros*. Companhia de Teatro Experimental do Porto. Porto: Círculo de Cultura Teatral, 1957. 104p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: DEP 18045

STEINBECK, John - *Noite sem Lua*. trad., pref. FIGUEIREDO, Pedro M. Lisboa: Ulisseia, 1955. 176 p.

Local: Biblioteca Operária Oeirense

Cota: BOO 4652

STEINBECK, John - *A um Deus desconhecido*. trad. CARMO, Manuel. Lisboa: Gleba, 1952. 224 p.

Local: Biblioteca Operária Oeirense

Cota: BOO 3791

STEINBECK, John - *A Pérola*. trad. DIONÍSIO, Mário. Lisboa: Europa-América, imp. 1950. 146 p.

Local: Biblioteca Municipal de Algés e Oeiras

Cota: C&N CON-NOV-EST STE; DEP 20225

STEINBECK, John - *A Leste do Paraíso*. trad. VIEGAS, João B. Amadora: Bertrand, [195?].

Local: Biblioteca Operária Oeirense

Cota: BOO 3680

STEINBECK, John - *Bairro da Lata*. trad. LEAL, Luísa Maria de Eça. Lisboa: Ulisseia, cop. 1945. 222 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: DEP 4402

STEINBECK, John - *O milagre de São Francisco*. trad. BIZARRO, José da Fonseca. Lisboa: Livraria Pacheco, 1945. 367 p.

Local: Biblioteca Operária Oeirense

Cota: BOO 4175

STEINBECK, John - *Ratos e Homens*. trad. VERÍSSIMO, Erico. Lisboa: Livros do Brasil, [194?]. 191 p.

Local: Biblioteca Operária Oeirense

Cota: BOO 4193

STEINBECK, John - *Pastagens do Céu*. trad. RIBAS, Tomás. Lisboa: Livros do Brasil, 1932. 246 p.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: DEP 4466

2. Obras consultadas

IÁÑEZ, Eduardo - *História da Literatura. Literatura contemporânea até 1945*. trad. SOARES, Fernandes. Vol. 8. Lisboa: Planeta Editora, 1999.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: CRI-LIT HIS-LIT IAN

Concise Anthology of American Literature. ed. George McMichael. New York: Macmillan Publishing Company, cop. 1985.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: CRI-LIT HIS-LIT CON

BROWN, John - *Panorama da Literatura Americana do século XX*. trad. SOUSA, Franco de. Paris: Éditions Gallimard, 1954.

Local: Biblioteca Municipal de Oeiras

Cota: DEP 23055

3. Bibliografia Complementar

BEZERRA, Anthony Cardoso – *Demasiadas realidades : quatro leituras sobre a ficção de John Steinbeck*. Recife : [Livro Rápido], 2007. 102 p.

MARTIN, Stoddard – *Califórnia Writers : Jack London, John Steinbeck, the tough guys*. London : Macmillan, 1984 – VIII. 224 p.

SCHULBERG, Budd – *As quatro estações do sucesso*. trad. NOGUEIRA, Maria Luíza. apres. MUMFORD, Lewis. Rio de Janeiro : Tempo Brasileiro, 1974. 208 p.

Steinbeck : a collection of critical essays. ed. DAVIS, Robert Murray. Englewood Cliffs : Prentice-Hall, cop. 1972 – VI. 183 p.

PRATT, John Clark – *John Steinbeck : a critical essay*. Michigan : William B. Eerdmans, cop. 1970. 48 p.

FRENCH, Warren – *John Steinbeck*. trad. Elizabeth ; NELLO, Djmar. Rio de Janeiro : Lido, 1966. 163 p.

SILVIA, Maria Felisbela Amaral da – *A concepção do herói em John Steinbeck*. Tese de licenciatura apresentada á FLUL. Lisboa : [s.n.], 1964. 132 f.

WATT, F. W – *Steinbeck*. Edimburgh : Oliver, 1962. 177 p.

DIAS, Eduardo Mayone – *Tendência e arte na obra de Steinbeck*. Lisboa : [s.n.], 1949. 91 f.

SELECÇÃO DE WEBSITES

<http://www.ilovelibraries.org/booklovers/bookclub/bookclub>

<http://www.readinggroupguides.com/reviews/the-grapes-of-wrath>

http://www.us.penguin.com/static/rguides/us/grapes_of_wrath.html

www.steinbeck.org

<http://www.grapesofwrath75.com/GOW75/GOW75Project.html>

Ficha técnica

Projeto

Câmara Municipal de Oeiras

Divisão de Bibliotecas, Documentação e Informação

Guião de Leitura

Capa: GC – Gabinete de Comunicação | Vera Alves

Elaboração: DBDI | Biblioteca Municipal de Oeiras | Ana Paula Jardim